

## A Guerra do Contestado nas páginas do Diário da Tarde (1912-1916)

**Eva Simone de Oliveira**, Professora de História da Escola Estadual Darcy José Costa. Mestranda do Profhistória (Mestrado Profissional em Ensino de História), Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campo Mourão, bolsista Capes, [evasim23hist@gmail.com](mailto:evasim23hist@gmail.com)

**Michel Kobelinski**, Pós-Doutor História, Professor de História da América e dos Programas de Mestrado em História Pública (HP) e Ensino de História (Profhistória), Membro da Associação Nacional de Investigadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC) e da Federação Internacional de História Pública (IFPH), [mkobelinski@gmail.com](mailto:mkobelinski@gmail.com)

WOITOWICZ, Karina Janz. **Imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do Diário da Tarde (1912-1916)**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

SciELO Books, disponível em:  
<http://books.scielo.org/id/7s6w4>

*Imagem Contestada: A Guerra do Contestado pela escrita do Diário da Tarde (1912-1916)*, de Karina J. Woitowicz, publicada pela editora UEPG e também disponível na Rede SciELO Livros, destacou-se com o Prêmio Jabuti 2015, segundo lugar na categoria Comunicação. Trata-se de um dos mais tradicionais prêmios literários do Brasil.

A autora é jornalista, pós-doutoranda da Escola de Pós-Graduação do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL, Quito/Equador), e atualmente é professora no curso de jornalismo e mestrado em jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG/PR. É dona de um vasto currículo acadêmico com uma série de publicações. Ela também desenvolve pesquisas com temáticas acerca das mídias alternativas, dos estudos de gênero, jornalismo cultural e folkcomunicação (teoria que tem por objetivo o estudo da comunicação popular e do folclore na difusão dos meios de comunicação de massa). A obra é fruto da sua dissertação de mestrado defendida em 2002. A ideia de publicar a pesquisa que desnuda o modo de como a Guerra do Contestado entrou para história por meio do jornalismo surgiu em 2012, devido às comemorações do centenário da Guerra do Contestado.

A obra em tela dispõe de episódios da Guerra do Contestado e enfatiza as representações realizadas pela imprensa, mais especificamente pelo jornal impresso paranaense Diário da Tarde, sobre os conflitos gerados na região do Contestado, uma região entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. O episódio foi considerado como uma das disputas de terras mais sangrentas do Sul do



Brasil. O livro trata da relação entre jornalismo e história, e contribui para a análise da construção de uma história oficial sobre o conflito. Suas matérias apresentam fatos e acontecimentos sobre a história nacional e paranaense. A autora aborda de maneira instigante a transição da Monarquia para República, elemento este fundamental para compreender os desdobramentos do conflito do Contestado, e de como a figura do sertanejo foi retratado pelas páginas do jornal. Nas primeiras páginas do livro Woitowicz (2014, p. 30) esclarece suas intenções:

O que se se propõe em meio a estas abordagens referente ao campo teórico da pesquisa, é encontrar questões e pistas das respostas que envolvem a imprensa no caso do Contestado, trabalhando questões chaves referentes à discursividade, à produção de sentido do jornalismo. Sem interesse de discutir ou buscar uma “verdade histórica” – uma vez que a problemática se concentra no modo como a imprensa participou de um dos mais importantes conflitos deste final de século no país, divulgando as vozes que se relacionam e se contradizem para esboçar a consolidação da Guerra do Contestado na história contemporânea.

Nos nove capítulos do livro a análise precisa dos discursos midiáticos da Guerra do Contestado, constata-se as narrativas e silêncios produzidos. Ao observar como a notícia é construída, pode-se verificar os conceitos e concepções da autora, os quais se enquadram entre as franjas da ciência e a arte. Na construção de seu texto e para expressar suas ideias, Karina recorre a teóricos como Pierre Bourdieu, Maria H. Capelato, Eric Hobsbawn, Michel Foucault, Nilson Tomé, Murilo José de Carvalho, Ana Paula Ribeiro, Carlos Ginzburg, entre outros. Para Woitowicz (2014, p. 39) “é pela historicidade que se pode encontrar um discurso marcado pelos sentidos, capaz de apagar determinados personagens e, do mesmo modo, identificar o processo que os colocou em silêncio...”. Ou seja, quando se fala em discursos, fala-se também em jogos e significados. Neste caso, o que não foi retratado nas páginas do jornal se tornou tão importante quanto o que foi veiculado.

A primeira parte da obra é marcada pela apresentação da trajetória do jornal e pela contextualização do jornal e seu público, percorrendo regularidades, movimentos e nuances de suas representações. Procura-se refletir o papel do jornalismo na construção da história. E, neste caso, o modo de fazer jornalismo no início do século XX oscilava entre os interesses editoriais e as influências políticas.

Deste modo, trazendo elementos da história nacional e pontuando a transição da Monarquia para República, Karina também discorre sobre a questão racial. Foi inevitável traçar paralelos entre os movimentos messiânicos no Brasil, como por exemplo Canudos, na Bahia e o Contestado no Paraná. Um dos personagens mais importantes desse conflito foi o Monge João de Maria ou José de Maria, líder religioso dos sertanejos e figura mística não reconhecida pela igreja católica. De acordo com a autora três monges passaram pelo Sul do Brasil. O terceiro deles, José de Maria, foi a personagem da Guerra do Contestado. Ele foi morto na primeira fase do conflito entre as cidades de Taquaruçu e Irani, no Estado de Santa Catarina. Em decorrência de um imaginário profético surgiu entre os caboclos, a crença na sua ressurreição, juntamente com narrativas de curas e milagres, o que estimulou a aglomeração de sertanejos na região.

Outros personagens retratados nas páginas do Diário da Tarde são os sertanejos e os militares. A figura do sertanejo foi construída a partir do estereótipo do ser ignorante, fanático, dotado de uma cultura subalterna, enquanto os militares são enaltecidos, retratados como heróis nacionais. Nesta perspectiva as narrativas apresentadas pela escrita do jornal referem-se a um conflito entre dois mundos, os quais não partilham dos mesmos valores, práticas sociais e religiosas.

A segunda parte da obra se concentra nos discursos jornalísticos. Refere-se à construção de uma história oficial sobre o conflito do Contestado através das páginas do jornal e de como os discursos jornalísticos foram elaborados. A autora recorre ao pensamento de Peter Burke para falar da atuação da imprensa. Nesse momento, os textos analisados partem do universo social para as representações tecidas pela comunicação. O embate entre o projeto de nação que vinha sendo

construído no Brasil entrou em choque com o modelo de organização dos sertanejos. Nesse cenário, a expulsão dos sertanejos das terras para a construção da ferrovia que ligava São Paulo ao Rio Grande do Sul colaborou para acirrar as tensões na região. O tema de concessão de terras apareceu nas páginas do jornal. Porém, ali se reafirmou a ideia de compromisso com os interesses nacionais. Para reforçar essa mensagem o jornal retratou o conflito como disputa entre os estados do Paraná e Santa Catarina, destacando apenas o caráter político da disputa. No entanto, as cartas recuperadas pela autora reafirmam o caráter social da revolta.

Os discursos variados e opostos ao longo da guerra produzidos pelo jornal colaboram para a construção de representações sobre os atores envolvidos, contribuindo em muitos momentos para uma leitura negativa da guerra, em que o sertanejo é retratado como um fanático religioso, ignorante, muitas vezes sendo criminalizados. E é com esse discurso que o jornal contribui para formação de uma opinião pública.

No último capítulo Karina deixa claro que o percurso do jornal no decorrer da guerra foi marcado por interferências econômicas, políticas e culturais, e que as relações entre dizer e fazer, foram tomadas como princípio para análise dos textos jornalísticos. Ressalta-se ainda, que em muitos momentos o periódico se posicionou em favor dos interesses políticos, defendendo e acusando grupos e personagens envolvidos no caso. Conclui-se que a o jornal Diário da Tarde construiu uma história oficial sobre a Guerra do Contestado, desvalorizando o sertanejo e enaltecendo os militares, hipervalorizando o heroísmo em detrimento da ação revoltosa dos sertanejos.

Por fim, Woitowicz (2014, p. 321) observa que “a história da Guerra contada pelos jornais é muito mais do que a história de um conflito, com seus heróis e batalhas. É a história de uma guerra também simbólica constituída na articulação entre discursos e contextos. Sem dúvida, concordamos com a autora, pois a Guerra do Contestado é um episódio da História Brasileira que deve ser objeto de constante análise, e que a sua retratação no referido periódico foi marcado por sua singularidade, a qual não é tema desconhecido dos historiadores brasileiros.